

UM BRILHO NA NOITE

Carlos Herculano Lopes

No dia em que nasci, minha mãe disse que ele chegou bêbado e ao me ver, ao invés de fazer carícias, falou que eu seria apenas mais uma boca e que gente como nós só tem uma sorte: a de passar a vida trabalhando, a meia ou a terça, ou com água no joelho e a bateia nas mãos, à procura dos diamantes.

E que não adiantava insistir. Porque além de dar o duro, quando se chegava em casa, suado e com as mãos sangrando, nunca havia o de comer; então o jeito era beber umas cachaças para dormir, e sonhar com a velha, que, com uma vela entre os dedos, lhe indicava o caminho das pedras.

Mas naquela noite, logo que a parteira foi embora, ele começou a beber, a beber e a comer tudo o que encontrava. E tomou a sopa da minha mãe e a mamadeira que era para mim. Depois virou dois litros de cachaça. E em seguida pegou a sanfona e cantou em outra língua coisas que ninguém entendia. Quando pegou o berrante, e as vacas rodearam a nossa casa, ele ameaçou espancá-las; mas como não as viu, virou-se para mim, que estava dormindo, e disse que iria matar-me.

Foi quando minha mãe, ainda de resguardo, saltou da cama e, de joelhos, pediu-lhe que não fizesse aquilo, porque eu não tinha culpa por sermos tão pobres, e por não termos terra.

Mas ele, não a ouvindo, abriu a gaveta de onde tirou o revólver e começou a atirar debaixo da cama até não sobrar nenhuma bala. Minha mãe disse que eu chorava, mas que ele, de tanto atirar, furou o teto e a imagem da santa, para em seguida, por castigo, sofrer um ataque.

Quando acordou e o cabo lhe deu voz de prisão, ele lhe perguntou qual era o motivo, mas ao ver a imagem e os buracos na parede e a cama suja de pólvora, começou a chorar e a dizer que não se lembrava, e pediu que não o prendessem, pois eu havia nascido e precisava de proteção.

Após receber a garantia de que não seria preso e nem processado e depois que os soldados se foram, ele abraçou-se à minha mãe e disse-lhe que tudo era por culpa da velha que lhe ordenava que fizesse aquelas coisas, porque, senão, ele nunca encontraria os diamantes, sempre andaria na miséria e jamais teria um pedaço de terra.

Nesta terra onde comecei a crescer e ainda pequeno ia com ele para a roça, ou o seguia para a lavra, onde a coisa que eu mais gostava era entrar nos túneis, e nunca me esqueço de uma fâsca que ele achou, e sem saber como escondê-la do fiscal engoliu-a, e três dias mais tarde a mostrou para minha mãe, que o seguiu a Santa Marta, onde a venderam a um homem que lhes deu metade do dinheiro, e o restante, que seria entregue no outro mês, jamais foi visto.

Até que ele voltou a beber e a ver novamente a velha, aquele foi um tempo bom; pois nos dias em que não havia aulas eu ficava todo o tempo ao seu lado e ele contava histórias: como a do homem que virou monstro por dizer que o padre comia a empregada e por uma praga, quando morreu, foi preciso carro de bois para puxar o seu caixão.

Até aquela noite em que ele não veio dormir em casa porque há vários dias estava na lavra seguindo uma luz, eu gostava de ouvi-lo e ser o seu guia quando montava nos burros e os retalhava de esporo para em seguida, mandando que eu seguisse o exemplo, dizer que aprendera com o meu avô.

Mas naquela noite, quando minha mãe viu que ele não voltava e pediu aos vizinhos que fossem procurá-lo, todos rezamos aos pés da Virgem, e depois, ainda com o terço nas mãos, ela chamou a mim e ao Ricardo, que éramos os mais velhos, e disse-nos que, se alguma coisa houvesse acontecido, estaríamos perdidos.

E foi chorando muito que passamos a noite seguinte ao redor do caixão e minhas tias fizeram bolos e café para as pessoas que ficariam conosco. Meu pai estava vestido com um terno do meu tio, com o rosto ferido e sem uma orelha, mas sua expressão era de calma, e assim ficou toda a noite, até que, de madrugada, quando todos dormiam, ele se levantou e, na minha frente e do meu irmão, curvando-se, vomitou um diamante, jogou-o para nós, e desapareceu para sempre da terra.